



Voz da Fátima

Director, editor e Proprietario: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas do «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

A Peregrinação Nacional de Maio

A afluência de fiéis

Por falta de automóveis e camionetas não se reuniram desta vez, no recinto das aparições, tantos milhares de pessoas como ou-

trora, mas, apesar disso, foi admirável a manifestação de fé e piedade dos dias 12 e 13 de Maio fiado, pelas dificuldades que os peregrinos tiveram de vencer, pelos sacrifícios de toda a ordem que praticaram e pelos exemplos de humildade, de resignação cristã e de heroísmo que deram.

Os meios de transporte mais usados foram as bicicletas e as carroças. O maior número, porém, de romeiros fez a viagem a

também às solenidades religiosas, entre outras personagens de relevo, os srs. General Pereira Coutinho, Comandante da 3.ª Região Militar, e capitão Salgueiro Rêgo, Comandante do Corpo da Polícia de Segurança Pública de Leiria.

Encontrava-se igualmente entre os peregrinos o sr. dr. Cruz que muitos romeiros procuravam para lhe oscular a mão e obter dele uma bênção.

Por virem a pé chegaram mui-

Dezenas de sacerdotes confes-saram e administraram a sagrada comunhão a milhares de fiéis de ambos os sexos.

A procissão das velas

Às 9 horas da noite do dia 12, rezou-se, na forma do costume, o terço do Rosário e, em seguida, realizou-se a procissão das velas. A multidão dos fiéis acompanhou o andor com a veneranda Imagem da Virgem desde a saída da capela das aparições até à entrada da igreja em construção e já quase concluída.

A meia-noite, iniciou-se a cerimónia da adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto.

Fêz a meditação dos mistérios o Senhor Bispo de Helenópolis que, falando da devoção do Rosário, elogiou os rapazes da Juventude de Acção Católica, «esperança da Igreja e da Pátria», e aludiu ao amor que Portugal teve sempre à Divina Eucaristia. Afirmou o ilustre Prelado que a alma de cada português deve ser uma catedral e que essa catedral deve conservar-se sempre alumia-da pelo fervor do místico altar de cada coração.

Terminou apelando para a fé, pronta e corajosa, de cada peregrino, pois todos os cristãos estão obrigados a imitar o heroísmo de Jesus Cristo, representado no desapego de todos os bens, no apostolado de todas as horas, no sacrifício de toda a vida e no seu amor tão alto e tão fecundo que foi até ao ponto de dar-se totalmente pela humanidade inteira.

A primeira hora de adoração geral seguiram-se outras horas de

(Continua na 2.ª página)

ACÇÃO CATÓLICA

Para quê?

O apostolado só germina, floresce e frutifica nas dores do sacrifício, que o apostolado fecundo supõe e exige doação generosa.

Para justificar a inércia, o comodismo, talvez os ataques irreflectidos ou conscientes, pensa-se e diz-se que a Acção Católica nada vale.

Não será juízo temerário afirmar-se que, por detrás de tais pensamentos e de tais palavras, se esconde uma lastimosa falta de generosidade que é, afinal, desolador egoísmo.

Porventura, terão os inimigos da Acção Católica o direito de atacá-la? Já a estudaram convenientemente na sua organização, nos seus processos e na sua actividade? Já a viveram, a sério e por dentro, inscrevendo-se nos seus organismos? Já procuraram ajudá-la, de maneira clara e efectiva? Já lhe prestaram o auxílio da sua simpatia, da sua acção, da sua bolsa?

Vêm as dificuldades, umas reais, outras ilusórias, e gritam ao escândalo. Mas, em lugar de saírem para a rua, a gritar alto os erros e os defeitos, não seria mais cristão, e até mais humano, que fizessem serenamente as suas observações a quem está em situação de corrigir os erros e de suprimir os defeitos?

É fácil demolir. Qualquer cabouqueiro sem instrução poderia destruir as preciosidades do Vaticano ou do Louvre. Construir é bem mais difícil. E até visionários construtores, que, por palavras, carrilariam o mundo em dois tempos, estrondosamente vêm as suas teorias reduzidas a... simples teorias, quando colocados perante as realidades.

Para quê, a Acção Católica?! O edifício que se vai erguendo, à custa de muito trabalho, de abnegada dedicação e de oração fervorosa de almas perseverantes e fortes, já se pode ver em parte da sua grandeza. Congressos, e campanhas, e peregrinações, e semanas de estudo, e cursos de formação, e reuniões de preparação, e tantos actos públicos de fé e de apostolado, mostram que não é inútil o trabalho que se realiza.

Mas tudo isso, que é muito, vale incomparavelmente menos do que o trabalho silencioso e fecundo que se opera no íntimo das consciências, no segredo das almas: Inteligências que se iluminam, vontades que se fortificam, organização que se aperfeiçoa e que se cerra, representam uma acção que só Deus conhece em toda a sua magnitude e esplendor, mas de que muitos podem já dar testemunho.

Vai alourando a messe, a despeito das tempestades que se desencadeiam, por vezes.

Há que fazer justiça ao grupo abnegado dos operários generosos desta obra que a Santa Igreja criou e acarinha.

Parecem poucos os seus frutos? Em lugar de críticas fáceis, ajunte cada um o seu sacrifício aos sacrifícios que se fazem, e os frutos serão mais numerosos.

Porque não há sacrifícios, feitos com os olhos em Deus, que sejam inúteis.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

Retiro do Venerando Episcopado

No Santuário da Fátima fize-pôde tomar parte nos exercícios ram os Exercícios Espirituais os por falta de saúde.

Venerandos Bispos do Continente. Prêgou o retiro Mons. Pereira

te. Estiveram presentes 16 entre dos Reis. Terminaram no dia 11, mas a maior parte ficou para a peregrina-

ção do dia 13 de Maio.



Alguns dos Ex.^{mos} Prelados que tomaram parte na peregrinação

pé, calcureando léguas e léguas por estradas e atalhos.

Estava na Fátima gente de todo o país. Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Trás-os-Montes, Minho e Douro; o Alentejo e o Algarve achavam-se bem representados naquela romagem de amor e gratidão à Virgem bendita que mais uma vez salvou Portugal.

Foi encantador o gesto dos rapazes da Acção Católica que, sem utilizarem qualquer meio de condução, se congregaram na Cova da Iria, à sombra das bandeiras e estandartes dos seus organismos. A J. A. C. e a J. O. C. enviaram importantes delegações.

Do Governo estiveram presentes os srs. capitão Santos Costa, Sub-secretário de Estado da Guerra, e dr. Manuel Lopes de Almeida, Sub-secretário de Estado da Educação Nacional. Assistiram

tos peregrinos com os pés feridos.

Por isso foi extraordinário o serviço no hospital, ocupando-se o director do Posto das verificações médicas, sr. dr. José Pereira Gens, sub-delegado de saúde na Batalha, obsequiosamente auxiliado por outros clínicos peregrinos, em fazer curativos a 1.200 pessoas que já quasi não podiam andar.

Três aviões de uma esquadrilha de Lisboa sobrevoaram a Cova da Iria, deixando cair ramos de flores.

As solenidades assistiram treze Prelados, incluindo os C.º Lisboa, Évora, Porto e Coimbra.

O Senhor Bispo de Leiria, não pôde, por falta de saúde, tomar parte na peregrinação.

Eram cerca de 400 os doentes inscritos e mais de 100 os hospitalizados.



O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Évora a proferir a alocução antes da Consagração ao Imaculado Coração de Maria

PUREZA INTERIOR

Há no íntimo da nossa alma um reduto inacessível, verdadeiro jardim fechado — *hortus conclusus* — onde nenhuma criatura por mais íntima que seja, pode penetrar contra a nossa vontade.

E é lá que gostamos muitas vezes de nos recolher e isolar, para nos frustarmos aos olhares indiscretos e importunos dos que pretendem ler no nosso rosto as manifestações misteriosas das nossas operações interiores.

Nem os santos, nem os próprios anjos, bons ou maus, podem franquear, violar, esse profundo e secreto recanto da nossa alma.

Ora, confiados nessa segurança e libertos de todos os olhares estranhos entregamo-nos muitas vezes a toda a espécie de pensamentos e divagações, cultivamos e alimentamos toda a espécie de sentimentos, como senhores absolutos e indiscutíveis dos nossos domínios.

E procedendo assim, esquecemos afinal a grande Presença d'Aquilo que não precisa de encontrar a porta aberta — *clausa janua* — para penetrar no cenáculo da nossa vida interior.

Esquecemos que é lá no mundo dos nossos pensamentos que nos encontramos com Deus, como os nossos primeiros pais O encontravam nos caminhos sombreados do Eden; que nos ouvimos, o murmúrio indefinível da Sua palavra, que aspiramos o perfume da Sua passagem; que é de lá que as primeiras vibrações da graça se propagam e comunicam a todo o nosso ser.

Ora se nós reflectissemos e vivéssemos bem profundamente esta realidade — a presença de Deus, pe-

la graça, no íntimo da nossa alma — como seriam belos, nobres e puros todos os nossos pensamentos e afectos. E, como nós somos muito do que pensamos, como seria portanto bela, nobre e pura toda a nossa vida!

Se nós reflectissemos bem, teríamos horror em pôr o Senhor de toda a pureza, que reside em nós, em contacto com pensamentos torpes cujo consentimento se torna uma injuriosa traição. Um pensamento impuro consciente e voluntariamente consentido é, muitas vezes, o elo duma triste cadeia de pecados; é a brecha por onde o inimigo penetra e assalta a fortaleza da nossa virtude, e expulsa Deus da nossa alma.

Guerra pois, o violenta e sem tréguas, ao mais leve pensamento contra a virtude angélica. Para isso fuçamos generosamente também a tudo o que pode provocá-los em nós: más leituras, más espectáculos, más conversas.

E em contrapartida enchemo-nos dum grande amor pela linda virtude que nos torna semelhante aos anjos e nos atrai a predilecção do Senhor e da Virgem Santíssima. Alimentemos e acarinhemos pensamentos puros.

Pensamentos de pureza, são como brancas pombas adejantes a esvoaçar nos horizontes limpidos da nossa vida!

Pensamentos de pureza, são alvas açucenas a adornar e perfumar o jardim vedado da nossa alma para nele recebermos o Cordeiro Imaculado!

Moss.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESAS

Transporte	2.695.849\$01
Papel, comp. imp. do n.º 248	23.551\$80
Franq. Emb. Transporte do n.º 248	6.165\$47
Na Administração	311\$80
Total	2.725.878\$08

Donativos desde 15\$00

D. Luísa Rocha Ferreira, Parede, 15\$00; I. Sá Nogueira, Crato, 15\$00; D. Octávia Marini Garcia, Coimbra, 50\$00; Belmiro Rodrigues Costa, S. do Vouga, 120\$00; P.º Alberto Francisco Marques, V. do Castelo, 20\$00; D. Francisca Marques, Benavente, 20\$00; Américo Queiroz, Pôrto, 50\$00; D. Maria Helena Pacheco Santos, 15\$00; Marcolino Jacinto, Lisboa, 15\$00; José Jacinto, Lisboa, 15\$00; Duarte José de Oliveira e Carmo, Alenquer, 20\$00; D. Glória Esquivel, Mourão, 20\$00; Alfredo Raul, Malange, 42\$50; Dr. Sebastião de Almeida, Coimbra, 20\$00; D. Maria das Dores C. Rio Maior, Santarém, 20\$00; D. Maria Borges, Louzada, 20\$00; D. Maria Brigida Leite de Bacelar, Caldas de Aregos, 30\$00; D. Maria José Leiria, Faro, 25\$00; D. Helena Marques Pego, Almieira, 20\$00; D. Inês da Costa Pessoa, Algos, 20\$00; Henrique Pinto Machado, Caldas de Aregos, 20\$00; D. Maria de Figueiredo Lourenço, Barquinha, esc. 20\$00.

Tanto, por tão pouco?!...

A árvore é avaliada pelo fruto. A excelência deste aumenta a estima por aquela, principalmente quando ao bom fruto podemos juntar outras qualidades que mais a valorizem, como a facilidade de obtenção e tratamento.

A violeta, que nasce e cresce despercebida junto das outras plantas dos canteiros, que por vezes a escondem, logo que se dá a conhecer pelo penetrante e delicioso aroma exalado pela sua débil e pequenina flor, extasia e enebria a todos, merecendo o carinho e estima de quem até ali a desconhecia.

Também as obras católicas, embora humildes e escondidas debaixo do manto da caridade de Cristo, que manda ocultar da mão esquerda o que faz a direita, se valorizam e patenteiam nos seus efeitos.

Frutos maravilhosos e resultados grandiosos, que por si sós impõem ao homem recto e de coração bem formado a obra produtora. Obra que tanto mais se impõe à adesão e carinho de todos, quanto mais universal se torna o seu campo de acção.

A Pia União dos Cruzados de Fátima, organização católica e genuinamente portuguesa, simples na sua estrutura e humilde na sua apresentação, é já bem conhecida, na universalidade dos seus resultados.

Estes não ficam limitados ao lugar ou ao tempo, nem ao material, embora não seja de todo esquecido. Estendem-se ao espírito, vão além túmulo.

Presta auxílio aos vivos na consecução da salvação própria e alheia e alivia as almas das penas a que tenham sido submetidas pela Justiça Divina no Purgatório.

São Missas, uma diariamente celebrada na Cova da Iria pelos Cruzados vivos e falecidos, outras que são celebradas em cada diocese com as percentagens das cotas dos Cruzados dessa diocese.

São indulgências concedidas pelos Prelados Portugueses, que não se cansam de inculcar e abençoar

esta Obra, a qual em breve será enriquecida com muitas outras indulgências e graças já solicitadas à Santa Sé.

São obras pias que os Cruzados fazem uns pelos outros, como a reza do terço, vivendo assim o dogma da Comunicação dos Santos.

São obras sociais sem número e publicações de sã instrução, como a *Voz da Fátima*, a que todo o Cruzado tem direito e deve tornar conhecida.

E tudo isto à custa de uma simples inscrição nas delegações paroquiais de cada freguesia ou nas direcções diocesanas de cada Diocese e de uma cota de dois tostões (vinte centavos) por mês. Desta oportunamente se falará.

O Distintivo da Fátima

é por certo a penitência e mortificação por vezes muito graves a que os peregrinos têm de sujeitar-se.

O pó, o calor, a sede, ou o frio, a lama, a chuva consocante as épocas do ano, são de todos bem conhecidos.

Não o é menos o esforço heroico e alegre com que, a pé, vem de muito longe, de dezenas de léguas por vezes, essa multidão de peregrinos anónimos mas de fé ardente. Esta peregrinação de Maio foi mais uma prova dessa mortificação. Muitos peregrinos vinham com os pés em chaga e em sangue mas contentes por terem chegado.

Ao partir vimo-los com as forças restauradas encaminhar-se felizes para as suas terras a contar as maravilhas que o céu desenrolou sob os seus olhares.

Que Deus se digne aceitar essa penitência em desagravo dos crimes que diariamente contra Ele se cometem.

A Peregrinação Nacional de Maio

(Continuação da 1.ª página)

adoração feitas pelas peregrinações inscritas.

As *Nocturnas* portuguesas foram, pela primeira vez, colectivamente, ao Santuário.

As 6 horas, o sr. dr. Gustavo de Almeida celebrou a Missa da comunhão geral.

Muitos milhares de pessoas compareceram nela e nas outras Missas ali celebradas.

A Missa dos doentes

Ao meio-dia solar, rezou-se o terço do Rosário em comum junto da capela das aparições. Depois iniciou-se a procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima para o altar exterior da Basilica. Nela se incorporaram os venerandos Prelados, várias associações e grupos da A. C. P. e numerosos sacerdotes.

O rev. dr. Gustavo de Almeida fez ao microfone a explicação das cerimónias litúrgicas do Santo Sacrificio.

«Fátima nunca se repete, disse o distinto sacerdote, é sempre nova e original».

A *Schola cantorum* do Seminário de Leiria e a multidão dos néis acompanham com lindos cânticos a Santa Missa. A elevação da Hóstia e do Cálix inclinam-se as bandeiras e os estandartes. A grande massa dos peregrinos curva-se e adora. Os cânticos reboam na Cova da Iria e o eco reproduz-los nos recôncavos da Serra.

No fim, o Senhor Arcebispo de Évora, que presidiu à peregrinação, faz ouvir a sua palavra.

O venerando Prelado lembra q

carinho da Virgem Santíssima pela nossa Pátria, exalta as glórias da Mãe de Deus, saída os rapazes católicos de Portugal e osromeiros vindos de perto e de longe, pede aos homens que sejam almas de fé intrépida e de moral austera e às mulheres que sejam irrepreensíveis nas suas atitudes e puras nos seus costumes, lamenta a sorte dos povos que sofrem o flagelo da guerra, exorta os portugueses a elevar para a Virgem em favor deles a sua prece fraternal, recorda a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria feita pelo Santo Padre Pio XII e, finalmente, anuncia que esse acto se vai repetir, dentro de alguns momentos, na Cova da Iria.

E, com efeito, dali apouco, o ilustre Metropolitano de Évora, ajoelhado com os outros Prelados diante do Santíssimo Sacramento solenemente exposto, lê o acto de consagração de Portugal e da Juventude Católica Masculina ao Imaculado Coração de Maria. Por ele se consagraram também as famílias, as dioceses e os seus Pastores, os governantes e os súbditos, toda a gente de Portugal.

A multidão imensa repete as palavras do venerando Antífite. Os aviões voltam a pairar nas alturas e sobrevoam várias vezes a Cova da Iria. Os peregrinos imploram a Virgem a paz por que os povos suspiram. Depois canta-se, pela primeira vez, a prece-consagração, letra do rev. P.º Moreira das Neves e música do rev. P.º Tomás Borba.

O Senhor Bispo do Algarve pega em seguida na sagrada custó-

dia e dá com ela a bênção de Jesus-Hóstia à multidão dos doentes, em número de quatrocentos. Segura a umbela Sua Excelência o sr. Sub-secretário de Estado da Guerra. Momentos impressionantes, solenes, inesquecíveis... Sobem ao Céu súplicas e lágrimas. Todos clamam: «Bemdito seja o que vem em nome do Senhor».

Entretanto quatro enfermos erguem-se nas suas macas, proclamando-se curados, ante a comoção irreprimível dos venerandos Prelados e de todos os que presenciaram o assombroso e comovedor espectáculo.

Terminou a bênção dos doentes.

Repetem-se os cânticos pela paz que de novo se repercutem pelas quebradas da montanha.

Entoa-se o *Tantum ergo*. A multidão ajoelha. As bandeiras inclinam-se. Faz-se um silêncio prodigioso. O sol, parece o sol esbraseante de Agosto. Sacerdotes, médicos e Servitas prestam serviços aos doentes.

Inicia-se a procissão do «Adeus à Virgem».

Os peregrinos acenam com os lenços. Canta-se, reza-se, os enfermos choram de comoção, resignados e confortados, e a Imagem da Virgem passa como que a dispensar, num gesto maternal, bênçãos de paz, de força e de amor fraternal para o nosso país e para o mundo inteiro.

Assim se pôs o último remate à apoteose da Rainha do Céu, cuja Imagem ficou de novo no seu sólio de glória, a capela das aparições.

Os peregrinos regressam aos seus lares mais abrasados em zelo

REMEDIO D. D. D.

Para desaparecer rapidamente todas as perturbações da sua pele e dar-lhe a um aspecto agradável.

É maravilhoso — ver como este líquido antiseptico — curativo, actua rapidamente.

Tenha sempre em sua casa um frasco de Remédio D. D. D. que tem inúmeras aplicações.

Manchas, Chagas, Furúnculos, Eczema, Psoríase, Dermatites, Pés doridos, Queimaduras e Irritações.

A venda nas farmácias e drogarías

D. D. D.
O Remédio para a pele

da glória de Deus e da salvação das almas. A multidão debanda como revoada de pombas pela ditosa terra de Santa Maria além, apregoando as misericórdias da nobre Padroeira e presentindo que, mercê da sua intercessão onnipotente junto do Altíssimo, vai acabar muito em breve a mais horrível de todas as guerras que têm assolado o orbe...

Visconde de Montelo

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas, do escultor **JOÃO DA SILVA**



A FEIRA Popular das Meias

Na Rua Arco Marquês do Alentejo 39-1.º

Durante este mês grandes descontos!!

Meias de seda s/ defeitos, grande duração, são de	
10\$50, durante a feira ...	7\$20
Meias de linho c/ costura são de 7\$40, durante a feira...	4\$50
Meias de seda gaze Extra max. transperência são de 19\$50, durante a feira	11\$50
Soquetes branco e cor, durante a feira descê	3\$50
Peúgas alg. muito resistentes, são de 2\$00, durante a feira	1\$20
Peúgas fantasia xadrez, são de 6\$50, durante a feira	3\$90
E muitos outros artigos.	

Grandes lotes de sedas, em liquidação, durante a feira.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.

Graças de N.ª Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.
De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria Martins Pereira de Menezes, do Porto, diz: «Minha irmã Maria do Carmo foi atropelada por uma camioneta, no dia 9 de Março de 1939. Transportada em estado de coma para o Hospital da Misericórdia, declararam os médicos ser gravíssimo e quasi desesperado o seu estado. Recorri imediatamente a Nossa Senhora da Fátima, implorando a sua protecção e prometendo tornar publica a graça, caso fosse atendida. Nossa Senhora salvou a minha irmã».

ATESTADO CLINICO

«Eu, abaixo assinado, médico pela Faculdade de Medicina do Porto. Declaro pela minha honra que a Ex.ª Sennora D. Maria do Carmo Martins Pereira de Menezes foi atropelada por uma camioneta, em 9 de Março de 1939, tendo ficado em perigo de vida, pois esteve em estado de coma durante 24 horas. Esteve internada no Hospital da Misericórdia do Porto, pavilhão de 1.ª classe, desde o referido dia 9 de Março, até 20 do mesmo mês. E por ser verdade passo a presente declaração que assino. Porto, 20 de Abril de 1943.

Francisco de Mendonça

NOS AÇORES

D. Maria Teixeira Soares, S. Jorge, diz que estando o seu marido prestes a morrer por causa duma ulcera no estomago, na sua aflicção, recorreu a Nossa Senhora da Fátima sendo logo atendida, pois desde esse momento o enfermo principiou a melhorar, com grande esparto de todos os seus que poucos momentos o julgavam entre os vivos.

D. Elisa Augusta Mendes, Fonte do Bastardo, tendo-lhe adoecido a sua filha Maria da Conceição Dias,

o médico não atinava qual fosse o motivo das elevadas temperaturas da enferma. Entretanto receitou-lhe umas hostias. Dando-lhe a primeira a mãe, muito afilhita, pediu a Nossa Senhora da Fátima que lhe valesse. Decorridos que foram alguns minutos, a doente foi acometida duma violenta tosse a qual se seguiram vômitos, expulsando um grão de milho envolto em pus que navia dez dias lhe tinha ficado na garganta e lhe dera origem aquella doença. Dentro em pouco a doente estava curada.

D. Maria de Jesus Fraga, Fajão Grande das Flores, agradece a Nossa Senhora a cura do seu filho Luis que sofrendo de doença, na bexiga logo principiou a melhorar apenas recorrendo a Mãe de Deus.

José de Torres Teles, Horta, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça de ter permitido que se não confirmasse a doença de que supunha sofrer um seu filhinho.

NA MADEIRA

D. Maria Isabel G. Gouveia, Funchal, tendo-lhe aparecido no pescoço um tumor de mau aspecto, consultou o médico e applicou diferentes medicamentos sem resultado algum. Foi então que cheia de fé invocou Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena e applicando na parte enferma agua do Santuário da Fátima. Principiou logo a sentir algumas melhoras e decorrido algum tempo estava curada. Vem cheia de reconhecimento dizer o seu «muito obrigada» a Nossa Senhora.

NA AMÉRICA

D. Ermelinda Câmara Leite, Providence, escreve: «D. Antonia do Amaral, de Lorence Mass, envia a doares para o Santuario de Nossa Senhora da Fátima em reconhecimento duma graça que a referida senhora alcançou da Santissima Virgem. Já ha anos que esta senhora não podia trabalhar por sofrer duma eczema que não cedia as dietas nem aos medicamentos recetados por diferentes clinicos. Em 1937, pediu-me agua do Santuario da Fátima, que eu lhe dei e ella principiou a aplicar invocando a protecção da Santissima Virgem. Daí a pouco encontrava-se completamente curada, e não se cansa de proclamar a graça que Nossa Senhora da Fátima lhe concedeu.»

Desejo participar a V. Ex.ª que no dia 13 de Maio ouvi aqui, pela rádio, rezar o Terço em Fátima, e as allocuções dos Ex.ªs Prelados. Não sei explicar a sensação que eu e a minha familia sentimos ao lembrar-nos que em toda a América se ouvia rezar em Fátima e em português. Rezei e chorei de alegria. Bendito seja Deus por tão grande maravilha que nos concedeu.

Agradecem graças obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima:

- D. Adelaide Rita Gomes Leitão, Lisboa.
- Diamantina Moreira, Aveiro.
- D. Júlia de Castro Costa e Cunha, Santa Comba Dão.
- D. Maria Dias Moreira, Arroiteia.
- D. Isabel Palmira da Silva, S. Jorge.
- D. Maria Arminda Calheta, ibidem.
- D. Maria Filomena de Azevedo, ibidem.
- D. Maria Eulália Miranda, ibidem.
- D. Maria da Natividade Lopes, ibidem.
- Luis Ferreira de Melo, Fonte do Bastardo.
- D. Rosa Tavares Borges, Grijó.
- Gaspar Augusto Ribeiro, Porto.
- D. Maria Francisca de Braga, Cedros — Horta.
- D. Maria do Carmo Medeiros, S. Miguel.
- D. Júlia Ferreira Brasil, ibidem.
- D. Ana Alice Gomes Ribeirinho, Fátima.
- António Simões, Aveiro.
- D. Isabel Emptis, Sanatório S. M. — Guarda.
- D. Maria Rosa de Almeida P. da Silva, Senhora da Hora.
- D. Berta Prado Lemos Beja.
- D. Cesaltina Almeida Vitória, Fundão.
- Gabriel Ferreira da Costa, Remelhe.
- D. Maria da Anunciação, Middões.
- D. Luisa Lopes, Porto.
- D. Maria Celeste da Silveira, S. Jorge.
- Francisco Marques Mértola.
- Antónia Bernardina de Brito Magro, Caniçada.
- D. Maria Eugénia Delgado, Funchal.
- D. Herondina Reis, Braga.

A Maior fôrça

— Está livre!... Pode sair!
 — Muito obrigado, sr. Director...
 E o 98 — que acabava de cumprir os seus quatro anos de prisão — sôfrego de liberdade, — avançou para a porta do gabinete, saiu precipitado ao pátio onde o guarda o olhou com indiferença e, num instante, estava na rua. Galgou uma meia dúzia de metros do passeio como se receasse ainda que o voltassem a prender e então parou, trémulo, oitante, enviando o olhar à direita e à esquerda, recessos de tudo e de si próprio.

Estava livre e a liberdade fazia-lhe medo. Para onde iria e que iria fazer?... De olhos baixos, concentrava-se agora na recordação do que fôra o uso da mesma liberdade recuperada após a primeira prisão que constara apenas de dois anos. As únicas pessoas que então encontrara prontas a auxiliá-lo para refazer a sua vida e que elle considerava como salvadores tinham sido, bem ao contrário, causa de que elle cometesse maiores faltas — quasi crimes — viesse a incorrer ainda em pena maior.

Sim, que faria agora... a que porta bater?... Pedir trabalho? A quem?... Estava miseravelmente vestido, seria olhado com desconfiança e, se fosse franco, se contasse a sua triste odisseia, quem o receberia ou lhe confiaria fosse o que fosse?

Como um sonâmbulo pôs-se de novo a caminhar. Era cedo na hora mas o sol já encurtava ainda o dia de Dezembro. Foi descendo para o Rossio, no instintivo hábito com que tomamos sempre o rumo que se apresenta mais fácil, passou ás avenidas novas e, só ao encontrar-se numa estrada solitária, se deteve, sentou-se num murto e respirou fundo, inebriado daquele ar puro que, todavia começava a tornar-se húmido e gelado.

A estrada estava deserta, sim, mas não era de todo desabitada, havendo mesmo, de espaço a espaço, umas casas boas dentro ou à beira de jardins e quintas. Se pedisse por ali trabalho ou sequer uma pedaço de pão?... A fome fazia-se sentir já imperiosa.

A habitação que lhe ficava mais perto era humilde; contudo foi para ella que se dirigiu considerando que a porta dos pobres se abre sempre com mais facilidade que a dos ricos: lá já a bater quando de interior ressoou um grito. Seguiu-se um certo rumor, a porta abriu-se e uma rapariga, ao dar com os olhos nelle, diz-lhe suplicante:

— Vá chamar-me um médico... sim... depressa... o meu pai teve um ataque... Há um ao fim da estrada... Ainda é um bocado... mas... Sabe andar de bicicleta?
 — Sim, balbuciou o homem. Vou...
 Dé-ma!

E, num instante, pôs-se a pedalar, acelerado, estrada abaixo. Mais rapidamente, porém, elle corria o pensamento, mais pronta ainda se lhe apresentava a tentação. A máquina era excelente e dir-se-ia nova em folha. Quanto não valeria nos tempos que iam correndo?... Que importava que o médico não fosse?... Que importava que o velho morresse... se é que não estava já morto?... Ah, não!... Isso não!... Como a filha tinha confiado nelle... um desconhecido!... Pois bem, iria chamar o médico... sim... mas, quanto à bicicleta...

Chegara ao fim de estrada e logo se lhe deparava a tabuleta da casa do

médico e este que ia justamente a sair para uma outra chamada e para o mesmo lado. Dado o recado e vendo-o afastar, o ex-prisioneiro ficava-se encostado à bicicleta, alagado em suor — não o suor do exercício apesar da sua falta de prática mas o suor da agonia moral em que o lançara o combate entre o bem e o mal desde que aquella máquina lhe caíra nas mãos...

De súbito, por detrás dele, duma torre em que não tinha reparado, caíram calmas, solenes, as badaladas das Trindades...

Ave-Marias... Uma igreja... Na prisão tinha elle tomado conhecimento de tudo isso, do que era na verdade essa Religião que tantos perseguiram por ignorância; ali tinha sido baptizado, ali tinha feito profissão da sua Fé... E agora... e agora...

A porta da igreja estava entreaberta. Dirigiu-se para ella, encostou-lhe a máquina, entrou, ajoelhou e um manancial de lágrimas — lágrimas de remissão, lágrimas de bênção — vieram inundar-lhe o rosto e cair-lhe sobre as mãos unidas em fervorosa prece...

Aquêle que já ninguém conhecia no mundo senão sob a humilhante designação de «o 98» acabava de se levantar para sempre do lodaçal em que jazera tantos anos pela compreensão clara de que era ali que se encontrava a maior fôrça, a única capaz de tornar resistentes a todas as fraquezas, a todas as tentações.

... ..

O bom velhote da casita modesta à beira da estrada não morrera graças à prontidão dos socorros no dia em que a doença tão violentamente o atacara. Quem estava bem morto e bem enterrado no esquecimento era o 98 tal a mudança que nelle se operara. Manuel Jorge, ao vir restituir a bicicleta, recebera-a de novo juntamente com dinheiro para ir buscar medicamentos. A gratidão que ressaltava dos olhos e das palavras da rapariga comoviam-no profundamente; a satisfação da consciência abrangava-lhe a fome. Só pela meia-noite, quando o doente tratado começava a sossegar é que ambos, com a criadita da casa, se sentaram junto da lareira para a frugal ceia. Só então a jovem dona da casa olhou um pouco assustada — e admirada de si própria — o desconhecido a quem na sua aflicção impensadamente se dirigira.

Nunca, porém, teve de lamentar esse impulso. Manuel Jorge lançando mão de todo o trabalho que havia na pequena propriedade e tendo sido, durante a doença do velhote, o mais jeitoso e dedicado dos enfermeiros, tornou-se precioso, indispensável.

Uma tarde, num movimento de gratidão, pediu ao lavrador que o ouvisse, que lhe queria contar toda a sua vida. Mas o velhote tapava-lhe a boca dizendo:

— O que lá vai, lá vai... A todo o tempo é tempo... Alguns estão nos altares que, antes de serem Santos foram bem pecadores...

E sorria — um sorriso de complacente malícia — animando-o porque já se apercebera da grande simpatia que havia entre os dois jovens e estava lá na sua de que nem que revolvesse o mundo inteiro, acharia melhor genio que o Manuel Jorge.

M. de F.

Pétalas de rosas brancas

por Berta Leite

Nossa Senhora da Fátima, a mais bela das rosas brancas em Portugal de todos os tempos — deveria ter sempre nos seus altares, como a maior, senão a única riqueza ornamental, pétalas de rosas brancas...

Orvalhadas da melhor ternura mística dos corações immaculados, ou purificadas pela dor que, absolutamente albeia aos variadíssimos involúcros mortais dos fiéis, vai esculpindo as almas na sua cristianíssima sede de sublimação espiritual, as rosas brancas são as mais dignas de encher o recinto muitas vezes santificado da Cova bendita da Iria. Melhor do que todas as outras rosas, na sua sintonia de pureza em que as notas imaterializadas se harmonizaram para louvar a Virgem Santissima pela Paz milagrosamente concedida ao povo português, as rosas brancas foram o encanto supremo deste Maio do ano da graça de 1943 aos pés de Nossa Senhora da Fátima.

Pétalas de rosas brancas como orações,

Pétalas de rosas brancas como cânticos agradecidos,

Pétalas de rosas brancas como sorrisos e bênçãos perfumadas...

Há mais rosas brancas, há cada vez mais rosas brancas em Portugal, à roda de Nossa Senhora do

Rosário da Fátima, a mais bela, a mais pura e a mais nobre das rosas brancas de todos os tempos...

Que a Sua infinita misericórdia se digne desfolhá-las sobre o mundo ensanguentado, em promessas de redenção e de luz eterna!

«Rosa Mística» orai por todos!

A festa do Santo Corpo de Deus

é no dia 24 de Junho. A Fátima é ao mesmo tempo a terra de Nossa Senhora e terra do SS.º Sacramento. Os devotos de Nossa Senhora far-lhe-ão pois, coisa muito agradável dando à festa do Corpo de Deus o maior brilho e solenidade possível. Brilho exterior nas procissões, nos altares, nos tronos. Piedade interior sobretudo pois sem ella o culto exterior não tem sentido.

Que a festa deste ano sirva para mais nos afervorarmos no amor à Santa Missa e à recepção frequente da sagrada comunhão.

Tiragem da «Voz da Fátima»

no mês de Maio

Algarve	6.972
Angra	20.892
Aveiro	9.088
Beja	5.904
Braga	81.802
Bragança	13.023
Coimbra	14.681
Évora	4.697
Funchal	13.589
Guarda	18.301
Lamego	12.796
Leiria	14.728
Lisboa	14.694
Portalegre	13.270
Porto	53.265
Vila Real	25.193
Viseu	10.508
	333.403
Estrangeiro	3.702
Diversos	21.601
	358.706

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Este número foi usado pela Censura

Aproveite enquanto é tempo

Trata-se do número especial de Maio da revista «STELLA», notável por todos os títulos e do «Calendario de Nossa Senhora da Fátima para 1943». Ambas as publicações estão prestes a esgotar-se. Recebê-las-á pelo correio enviando 3\$80 em selos ou em vale do correio à Administração da «STELLA» — Cova da Iria (Fátima).

Um nobre exemplo

A Covilhã, pela voz do Presidente da sua Câmara acaba de se consagrar oficial e colectivamente ao Imaculado Coração de Maria.

Formosa idéia que bem gostaríamos de ver abraçada pelos outros municípios do país.

Crónica financeira

As nossas colónias, ou melhor, as nossas províncias ultramarinas, como sempre se disse no tempo da monarchia, são a honra de Portugal e o melhor da sua gloriosa história. São também uma fonte de riqueza, para já e para o futuro, e esta horrível guerra tem tornado bem sensíveis os grandes serviços que o Ultramar nos presta. Mas... mas as províncias ultramarinas, se dão honra e proveito, também impõem deveres e pesadas obrigações, tanto materiais, como espirituais. Das obrigações materiais que o governo das Províncias Ultramarinas nos impõe, toda a nação portuguesa tem consciência e de boa mente se presta a saldar as contas por que elas se traduzem. Os deveres espirituais que as Províncias Ultramarinas impõem à Nação Portuguesa... são menos conhecidos do nosso povo e não obstante são os mais urgentes e importantes e nos já distantes tempos em que fomos grandes e fortes, sempre ocuparam o primeiro lugar, tanto na mente dos nossos reis, como no coração do nosso povo, onde as vocações missionárias abundavam.

A apostasia liberal interrompeu essa cadeia de ouro que ligava a Portugal as suas vastas províncias ultramarinas e a evangelização dos portugueses de Além-Mar ficou suspensa durante muitos anos. Neste, como em muitos outros pontos da vida espiritual da nação, um novo sol raiou em nossos dias, mas a verdade é que a restauração da obra missionária se não está fazendo com

aquela intensidade que seria necessária para recuperar o tempo perdido, por falta de vocações, e esta é em parte devida à ignorância, que só pode ser dissipada com o tempo.

Graças a Deus, que já muito se está fazendo e as Ordens Missionárias vão progredindo a olhos vistos, mas há pontos onde a deficiência é grande e as dificuldades são muitas. Sem professoras e enfermeiras as missões não podem exercer o seu apostolado cabalmente, até ao ponto de reorganizarem a vida individual e familiar dos indígenas nos lares cristãos. Ora, justamente a falta de professoras e de enfermeiras é grande. A Congregação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, que agora ensaia os primeiros passos em Portugal, tem lutado com grandes dificuldades por falta de vocações nestas duas classes... E sem professoras e enfermeiras, a acção das Missões sobre o indígena é superficial e de pouca duração. As bases da vida cristã têm de ser lançadas através da família. Só a família cristã pôde firmar em bases sólidas a sociedade cristã. Ora a família cristã tem por base a mulher cristã. E a mulher só pode ser preparada para a vida de família por outra mulher. Isto basta para fazer ver a importância das Congregações femininas na evangelização dos povos de Além-Mar. Pois dentro das Congregações femininas, as professoras e as enfermeiras têm a primazia e são precisamente as que mais faltam...

Pacheco de Amorim

CONVERSANDO

As origens da Guerra e os seus remédios

Neste mês de Maio, especialmente consagrado à Mãe de Deus, redobrem de intensidade em todas as igrejas, por insistente exortação do Soberano Pontífice Pio XII, os gritos de súplica pela paz universal.

Chegamos a um dos momentos mais cruciantes da actual guerra. A tragédia de dor, que dela se desenrola, subiu recentemente ao ponto da horrível monstruosidade de assassinatos em massa dos 12.000 oficiais polacos pelos Russos em Pink, em condições de traição e vilania sem precedentes na história do mundo.

Diante de tão nefando espectáculo, ouvem-se vozes, de todos os lados, perguntando: onde está a solidariedade humana?

O Santo Padre Pio XII, sempre sentinela vigilante da paz, além de outros e tantíssimos cuidados que acompanham o seu providencial Apostolado, acode a estas vozes com a Carta de 15 de Abril último ao seu Secretário de Estado o Cardeal Magliano, convidando os fiéis de todo o Orbe, e de um modo particular as crianças inocentes, a que, durante o referido mês especialmente, nos lancemos confiadamente nos braços da Santíssima Virgem, *acom renovadas instâncias*, para que nos valha e nos alcance do Céu, quanto antes, *aque a guerra se acabe na terra e haja entre os homens a paz de Jesus*.

Tais os remédios supremos que o Santo Padre Pio XII nos dá aos males da guerra. Mas não só nos dá os remédios; provino-nos também da origem e dos motivos que, sucessivamente acumulados, a determinam e aumentam.

«É necessário» — clama-nos o augusto Pontífice — *aque cada qual considere atentamente e reconheça que esta guerra, talvez a maior desde a criação do mundo, não é, e não é, mais do que o castigo merecido pela violação da justiça divina. Somos forçados a verificá-lo, nos nossos dias, que a inteligência humana, orgulhosa do próprio poder, nega a Deus a homenagem que lhe é devida; e que,*

portanto, os homens esquecem, ou, a melhor dizendo, desprezam os seus sacrossantos deveres para com a Deus, desdenham dos princípios da sabedoria evangélica como de uma coisa do passado e impróprias de um tempo de tanto progresso, e se preocupam continuamente com que nesta efêmera vida terrena abundem as comodidades, as riquezas e outros prazeres, sem mais pensar na vida eterna.

Com efeito, a guerra nasce e cresce sempre, como nos lembram estas autorizadas palavras, na medida em que cada um de nós se afasta de Deus e se subordina às comodidades e aos prazeres da existência.

Os povos civilizam-se a seu modo, mas a guerra, longe de adoçar-se, torna-se cada vez mais sangrenta; os Estados concertam entre si sociedades para assegurar a paz, mas vê-se que a guerra ressurge logo a mais curtos prazos; os Exércitos vencedores clamam, ao fazer as suas liquidações finais, que não mais poderá haver exércitos agressores, e eis senão quando erguem-se de vários lados legiões ameaçadoras de ódios como lava do vulcão em plena actividade.

Ninguém descansa na paz quando a maioria dos homens a não tem em si. Os males da guerra são como as epidemias nos corpos. A sua origem está individualmente em cada alma, e de cada alma irradia sobre as outras como inóndio devorador.

Haverá sempre guerra enquanto houver, pelo menos, dois homens esquecidos de Deus e dos deveres. A este estado os levam as próprias condições morais da vida: a vil tristeza por que um ou outro amigo prospera; a ambição do poder pelo simples gosto de mandar; o aborrecimento por se sentir que se não tem a pretendida importância; a paixão dos prazeres exacerbada pela imaginação de quem não conhece o seu destino sobrenatural; a maldicência e a ira como desabafos de insociabilidade; a reacção contra tudo o que seja ordem como

A Magnificat da mulher cristã

Ninguém ignora que a situação da mulher no mundo págio era uma situação inferior e aviltante. Escrava do homem, não se pertencia nem podia dispor de si nem dos filhos que gerava nas suas entranhas. Era apenas considerada como um animal de trabalho, ou objecto de luxo e juguete das mais vis paixões e prazeres do seu senhor.

Até entre os judeus, o povo eleito, ela era considerada como inferior ao homem.

Mas com a vinda de Cristo à terra, com a expansão do cristianismo no mundo, surgiu para a mulher a aurora radiosa da libertação, o queimar de aviltantes grilhões que o pecado e os séculos haviam forjado para os seus pulsos frágeis e indefesos.

Jesus, sempre compassivo e bom para com todas as misérias e infelicidades, tem dó da mulher e arranca-a ao rebaixamento em que jazia para a reintegrar na missão que, desde o princípio lhe dera — de companheira e colaboradora do homem. Debruça-se sobre os abismos de lódo em que se enlameara e perdoa-lhe e limpa-a da lepra do pecado, como fizera a Madalena, a Samaritana, e à mulher adúltera e desde então às pecadoras de todos os tempos que do fundo do coração se arrependem. Reabilitação maravilhosa, que só o amor de um Deus podia realizar.

Mas Jesus faz mais ainda: semeia e cultiva no coração da mulher a flor rubra e heróica da abnegação e do sacrificio das esposas e das mães; adorna-lhe a alma com a alva e perfumada açucena da pureza das virgens; escolhe-a para a mais sublime missão a que na terra, uma mulher pode aspirar — a maternidade natural ou espiritual.

Foi, em suma no seio de uma mulher, puríssima e imaculada desde a sua concepção, no seio de Maria, que Ele quis fazer-se Homem por nosso amor. E desde que uma mulher, embora a mais pura e bela de todas as criaturas, foi assim elevada à mais alta dignidade — de Mãe de Deus, Mãe de Jesus Cristo, — desapareceu da fronte das pobres filhas de Eva o ferrete da escravidão e da ignomínia.

Por isso com Maria Santíssima, também a mulher cristã pode e deve entoar reconhecida e jubilosamente o seu cântico de glorificação ao Senhor que, apesar da balbeza da sua indignidade, se dignou realizar nela grandes maravilhas.

MOSS

esfôrço da própria vaidade e impotência; atropelamento dos outros; a irritação do ambiente social...

— Eis no que vem, afinal, a reduzir-se todo o homem, quando separado de Deus!

Cada um, pois, prepare cuidadosamente a paz em si e as condições da sua segurança no sentido que o nosso Soberano Pontífice Pio XII aponta na sobredita Carta a Sua Eminência o Cardeal Magliano:

«Que triunfe e reine no coração dos homens, re-pacificados e amor fraternal; que aos vícios vença a virtude, às armas se sobreponha a justiça, à violência sem freio a serena reflexão; e que, finalmente, aplacadas as ondas desta temerosa tempestade que é a guerra, todos os povos voltem à paz, à concordia, a Cristo, — pois só Ele, com a sua doutrina sobrenatural, que não falha, pode tornar seguros e imutáveis os fundamentos da sociedade humana, só Ele tem palavras de vida eterna.»

13 de Maio.

A. LINO NETTO

O pão nosso de cada dia...

Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilências, e fomes, e terremotos em diversos lugares. (Mat. XXIV, 7)

Muito me impressionou a leitura, que acabo de fazer, de um relatório de grande actualidade, acerca das consequências das restrições alimentares sobre a saúde pública em França.

Está demonstrado que uma pessoa necessita por dia de 1.600 calorias. Quando a porção de alimentos é inferior, desencadeia-se a fome. Pois, hoje em dia, em França, as pessoas abastadas não dispõem de mais de 1.400 calorias e os pobres não têm mais de 1.000.

Vejamos as consequências da fome, derivada da maldita guerra que assolou os desgraçados franceses:

Em França emagreceu a gente de todas as idades. Os estudantes de um liceu perderam dois ou três quilos de peso, em média, e nos adultos não é raro verificar-se uma perda de peso de 15 a 20 quilos. A causa principal é a falta de pão, que diminuiu em quantidade e em qualidade.

São funestas as consequências: são vulgaríssimos os casos de esgotamento de forças. A fadiga torna-se mais grave nos estudantes e nos ope-

rários, que acabam por ficar impossibilitados de trabalhar. A anemia é frequente, e atinge, por vezes, aspectos graves.

A pelagra, doença outrora quasi desconhecida em França, faz hoje ali grandes estragos, assim como o raquitismo, doenças devidas a carências alimentares. É alarmante a falta de desenvolvimento das crianças e a mortalidade por tuberculose aumenta de forma assustadora.

Do mesmo modo, as pessoas de mais de 60 anos adoecem e morrem constantemente, pois que os velhos suportam muito mal os defeitos da alimentação.

A tuberculose, cuja expansão tinha diminuído muito, antes da guerra, recrudescceu de novo, tornando-se mais maligna do que dantes.

A taxa da mortalidade está a aumentar pavorosamente depois do começo da guerra.

É de crer que, se ela se prolongar, a calamidade se agrava cada vez mais, apesar das providências tomadas pelos poderes públicos.

Vejam os portugueses os malefícios da guerra e não cessem de ajoelhar perante Deus Pai Onnipotente, suplicando-Lhe em todos os momentos: — «O pão nosso de cada dia nos dai hoje!»

J. A. Pires de Lima

Palavras mansas

Ares de Espanha

António Cândido foi em Coimbra sinceramente estimado. A fluência e brilho da palavra juntava sempre a amabilidade gentil e cativante com que tratava os seus alunos. Não queria nada com o catecismo ríspido e vivaz, contemporâneo de Ferrer e des Basilio Alberto. Sem quebra da disciplina, preferia ser na aula um companheiro mais velho, um amigo leal, reflectido e bom.

Assim o diz o sr. conselheiro António Cabral num dos seus livros. Assim o afirma também, com impressionante vivacidade, o Dr. Pinto de Mesquita, que, na opinião insuspeita de Afonso Costa, foi o melhor advogado do Norte.

Por sua vez a pena irrequieta e brilhante de José de Alpoim queria decerto dizer o mesmo, quando referiu o encanto e o arrebatamento com que a academia, na sala dos capelos, ouviu o mestre a colaborar num centúrio famoso, que, para bem da história, das letras e da sensibilidade da raça, não mereceu a simpatia e o louvor de Camilo Castelo Branco... Adormecera já na sombra da noite quasi toda a vida de Coimbra, e António Cândido, à janella do seu gabinete de trabalho, sobre o Mondego, procurava ainda acalmar os nervos mais que muito excitados pela exaltação oratória e pelo fervor com que, em plena Universidade, o aclamara delirantemente a gente móca... O sabor que isso tem naquela terra!

Ora foi na aula de Direito administrativo, entregue à sua regência, que António Cândido disse um dia, que se fosse possível o desaparecimento do cristianismo por toda a face da terra, o seu derradeiro altar havia de erguer-se na Espanha. Na católica Espanha, na Espanha de Fernando e Isabel.

Ocorriam naturalmente estas palavras a quem leu notícias da Soberana Santa nas cidades do país vizinho, designadamente nas grandes cidades do Sul. Sevilha na dianteira com os seus Cristos, as suas Dolosas, as suas confrarias, os seus nazarenos e as suas procissões...

Num cenário acentuadamente profano, entre diversões mundanas e curiosidades da turisimo, onasdas e irreverentes?...

É preciso distinguir. Uma coisa é a Semana Santa e outra coisa é, depois da Ressurreição, a feira da Primavera.

As batalhas de flores, cavalgatas

e touradas fazem-se à margem da feira.

Notou-se por toda a parte um acréscimo de crenga viva e de devoção edificantes. Fez-se o rstanto de imagens mutiladas pelos bochevistas — imagens de Mena de Juni, de Montanes, dos grandes mestres da escultura espanhola. Recovaram-se alfarras, hábitos, emblemas e estandartes com bom gosto e riqueza.

Em algumas cidades milhares de fiéis seguiram as procissões de pé descalços, como na Meia-Idade os peregrinos mais fervorosos caminhavam para os grandes Jubileus de Compostela... Suceden até numa cidade apareceram dezenas de disciplinantes, de rosto inteiramente velado, que, de quando em quando, se detinham para fazer uma penitência que lhes ensopava as tunicas em sangue! Como diria António Cândido: parece antigo e é de hoje.

Por muito que o tenham ofendido, Deus torna-se paternalmente misericordioso quando os grandes pecadores procuram o resgate das grandes expiações.

Se a experiência amarga e dolorosíssima não lograsse chamar a Espanha a melhor caminho, então nem os mortos ressurgindo, como na parábola do mau rico, poderiam nada com ela...

É arcebispo de Sevilha o cardeal Segura, orador de abrasada fé. Renunciou à sé primacial de Toledo, para se encaminhar humildemente para Roma, onde foi cardeal da Cúria.

O governo republicano, desgraçadamente, não deu mostras de compreender o significado e a beleza moral desse gesto de heróica abnegação e comovedora obediência. Ficou na mesma cegueira obstinada e sectária. Mas isso para o cardeal Segura foi o menos.

Trazia o coração tão alto, que, debido em Guadalajara com honorem num mosteiro da cidade, logo de manhã foi celebrar, fazendo a explicação do Evangelho com calma, naturalidade e unção, como se vivesse horas de paz, na sua sé de Toledo.

Nos seus paços prelatícios houve sempre um salão convertido em enfermia para acudir carinhosamente aos pobresinhos. A sua família, a sua força, a sua inspiração, a sua coroa...

Sempre tão perto de Deus!

Correia Pinto